

Saúde e Assistência nos Sertões da Bahia: a medicalização do parto em Vitória da Conquista (1950)

Karoline Oliveira Sales¹*, Cleide de Lima Chaves²

1. Estudante de IC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: karolinesales07@hotmail.com

2. Professora Dr^a do Depto.de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista/BA

Medicina, Mulher, Assistência

Introdução

O presente trabalho objetivou estudar as primeiras políticas de assistência à saúde implementadas na cidade de Vitória da Conquista, dentre as quais, destaca-se como objeto principal da pesquisa, a institucionalização da Maternidade Régis Pacheco no interior da Santa Casa de Misericórdia na década de 1950. O estudo acerca do assunto tem demonstrado o caminho que a medicina da mulher percorreu até alcançar a sua legitimação perante a sociedade, além de permitir o acesso aos discursos médicos que contribuíram para o fortalecimento desse campo dentro da cidade. Tem por objetivo, ainda, localizar os principais atores envolvidos na construção desse saber, sobretudo com e para quem essas ações foram dirigidas primeiramente. Buscou-se analisar a passagem do parto domiciliar para o parto hospitalar e de que forma isso se deu e, para isso, se faz necessária a problematização da discussão sobre a obstetrícia, o nascimento da maternidade e a disputa travada entre parteiras e médicos na cidade. A pesquisa buscou indícios que comprovem a participação das mulheres da cidade na assistência desenvolvida no interior da instituição, procurando provar que foi a partir da assistência que as mulheres contribuíram para a construção de uma política de gênero.

Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa nos indicam que o processo de medicalização do parto rompeu com barreiras nas relações sociais que foram historicamente estabelecidas. Comprovou-se que não só especificamente em Vitória da Conquista como também em outros locais – Rio de Janeiro, Salvador – havia uma distância social entre médicos e parturientes e que os discursos contidos nos jornais da época demonstram o empenho da sociedade médica e da imprensa em convencer as mulheres a terem seus filhos na maternidade. A utilização da imprensa como mecanismo divulgador da ciência médica foi notado em outras partes do país e, em especial, em Salvador. Revistas como a Bahia Ilustrada (1921), serviram para propagar a imagem da Maternidade para o público feminino que ocupava as camadas altas da sociedade (AMARAL, 2005). Outra questão abordada na pesquisa foi a análise dos valores sociais impregnados na educação das mulheres, pois estes serviam como inibidores do avanço dos médicos no campo da obstetrícia. No começo do século XX, muitas mulheres continuavam a preferir a assistência das parteiras, por ser ainda considerada mais segura, além de haver um desconforto por parte destas em deixar um médico cuidar de seus corpos, já que o imaginário da época colocava o corpo da mulher numa linha tênue entre a virtude e pecado e para combater o mal era necessário reprimi-lo (BARRETO, 2001). Dar à luz fora de casa era, portanto, uma situação atípica e até a sua concretização enquanto uma prática comum foi necessário romper diversos obstáculos, dentre eles, a conquista de um espaço para o estudo mais detalhado da prática ginecológica e obstétrica, adquirido no interior dos hospitais e depois nas maternidades, como foi o caso da instituição em estudo. Inaugurada em 11 de janeiro de 1952, a Maternidade Régis Pacheco, há muito havia se tornado necessidade dentro do hospital. A dificuldade em convencer a sociedade de que a ciência médica era a melhor proposta à saúde da mulher foi sendo vencida com o uso da imprensa. Os jornais da cidade cada vez mais colocavam em evidência os benefícios da construção da maternidade, em 1º de janeiro de 1957, O *Conquistense* noticiou números que indicavam o movimento de internadas, reforçando a tese de que a partir da instituição da maternidade dentro da cidade, cada vez menos as mulheres davam à luz dentro de casa.

Conclusões

Estudar acerca da instauração da maternidade no interior da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista permitiu revelar o quanto essa instituição modificou as relações entre médicos e parturientes. Além disso, transformou os discursos que vigoravam acerca do corpo feminino e do cuidado com os recém-nascidos, buscando romper e reconstruir com as tradições antigas em prol da monopolização do saber médico que com o tempo a sociedade viria aceitar como verdade, a ciência.

Agradecimentos

Instituição de Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia – FAPESB

AMARAL, Marivaldo Cruz do. *Da comadre para o doutor: a Maternidade Clímério de Oliveira e a nova medicina da mulher na Bahia Republicana (1910 – 1927)*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Salvador, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2005.

BARRETO, Maria Renilda Nery. *Corpo de mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia no século XIX*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 127 – 156. 2001. Editora da UFPR.